



ORIENTE MÉDIO

Israel mata o chefe militar do Hezbollah

Bombardeio atinge prédio em bastião da milícia xiita, em Beirute, e elimina Ibrahim Aqil, líder da força de elite Radwan. Grupo dispara mais de 200 foguetes contra a Alta Galileia. Ministro da Defesa israelense anuncia nova fase da guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

AFP



Coluna de fumaça se ergue de Dahiyeh, subúrbio no sul da capital libanesa e bastião do Hezbollah: bombas lançadas por caças F-35 atingiram reunião de líderes do grupo

Anwar Amro/AFP



Moradores checam destruição após o bombardeio, que destruiu um prédio e matou 14 pessoas, entre elas, Ibrahim Aqil (D)

Reprodução



Morador de Beirute, o engenheiro de redes libanês Shady Rizk, 40 anos, foi surpreendido pelo barulho dos caças israelenses, quase no fim da tarde. “Muitos aviões sobrevoaram a capital, às 16h45 (10h45 em Brasília). Às 16h47 escutamos quatro explosões e um enorme prédio foi destruído”, contou ao **Correio**, por meio do WhatsApp. “No prédio, havia membros do Hezbollah. Há caos e pânico por todos os lugares. As pessoas estão nas ruas para socorrer os feridos. A situação é insuportável.” Dois dias depois das explosões de paggers e walkie-talkies, Israel golpeou o bairro de Dahiyeh, o coração da milícia xiita, no sul da capital do Líbano, e matou 14 pessoas, entre elas, Ibrahim Aqil, comandante militar e membro fundador da força de elite Radwan.

Aqil era apontado pelos Estados Unidos como o responsável pelas explosões na Embaixada norte-americana em 18 de abril de 1983, quando 63 pessoas morreram, e no quartel dos fuzileiros navais, em 23 de outubro do mesmo ano, matando 241 marines.

No fim da noite de ontem (hora local), o Hezbollah confirmou a morte de Aqil. “Hoje, o comandante sênior Ibrahim Aqil (Haj Abdulganeer) se uniu à procissão dos mártires, depois de uma vida abençoada cheia de luta, trabalho, feridas, sacrifícios, desafios, conquistas e vitórias. Foi apropriado para ele alcançar essa honra divina”, afirmou o movimento xiita, por meio de um comunicado. “Com honra e orgulho, a resistência islâmica oferece um de seus líderes como mártir na estrada para Jerusalém e compromete-se com sua alma pura a permanecer leal às suas metas e esperanças até a vitória.” O termo “estrada para Jerusalém” é usado para combatentes mortos por Israel.

O Hezbollah intensificou os ataques ao norte de Israel, ao lançar mais de 200 foguetes contra a região, ontem. “Nossas metas são claras, nossas ações falam por si mesmas”, declarou o premiê israelense, Benjamin Netanyahu. O ministro da Defesa, Yoav Gallant, anunciou: “A série de operações na nova fase da guerra continuará até alcançarmos nossa meta — garantir o regresso seguro das comunidades do norte de Israel às suas casas”.

“Nós continuaremos perseguindo nossos inimigos para defender nossos cidadãos, mesmo em Dahiyeh, em Beirute”, avisou.

Conselho de Segurança

No campo diplomático, o Conselho de Segurança da Organização das

Nações Unidas (ONU) reuniu-se, a pedido da Argélia, para debater as explosões de paggers e de walkie-talkies, que deixaram 37 mortos e quase 3 mil feridos. O ministro das Relações Exteriores do Líbano, Abdallah Bou Habib, acusou Israel de cometer “um método de guerra sem precedentes por sua brutalidade e seu terror”. O chanceler ressaltou que

os ataques desta semana foram “simplesmente terrorismo”. Por sua vez, Volker Türk, alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, lembrou que o direito internacional “proíbe” o uso de artefatos explosivos que pareçam objetos “inofensivos”. “É um crime de guerra cometer atos de violência destinados a semear o terror na população civil”, acrescentou,

durante a sessão, em Nova York.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir explicou ao **Correio** que, com a redução substancial dos combates na Faixa de Gaza, Israel se foca no norte e seu território. “As atenções se voltam para a determinação em devolver aos seus lares cerca de 80 mil israelenses que abandonaram as comunidades ao longo da fronteira com o Líbano, desde outubro. Para esse fim, Israel realocou grandes divisões militares para o norte, enviando um claro sinal ao Hezbollah de que não tolerará mais os ataques contínuos e a intimidação”, avaliou.

De acordo com Ben-Meir, as explosões de paggers e de walkie-talkies, os bombardeios de 200 alvos no sul do Líbano e o ataque aéreo em Beirute enviaram um mensagem ao Hezbollah e ao Irã. “O recado é que Israel está pronto para escalar o conflito, e, se necessário, se engajar em uma guerra total para pôr fim a ‘condições intoleráveis’ na fronteira”, disse. Apesar de o xeque Hassan Nasrallah, líder máximo do Hezbollah, ter ameaçado punir Israel pelos ataques desta semana, o especialista de Nova York não crê em uma guerra completa no Oriente Médio. “Isso poderia envolver o Irã e até mesmo atrair os EUA para a briga, algo que Teerã deseja evitar a todo o custo”, afirmou.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Brasil na ONU, em tom de cinzas

As cenas dantescas das últimas semanas, com a seca histórica castigando a geografia e os incêndios florestais sufocando o país em cinzas, farão o pano de fundo inevitável para o discurso do presidente Lula na abertura da Assembleia-Geral da ONU, na terça-feira. É na resposta apresentada a essa catástrofe ambiental de impacto planetário, em que cabe ao Brasil responsabilidade intransferível, que reparamos as oportunidades de afirmar liderança em um tema crucial para o mundo — mas não o único.

Desde antes da posse, a crise climática está no centro da pauta externa do Planalto. Ainda como presidente eleito, Lula assistiu à COP no Egito, e viu seu retorno ao cenário global ser recebido com expectativas. Foi em torno do enfrentamento das mudanças climáticas que, já no exercício do cargo, teve atritos com o colega francês, Emmanuel Macron.

A fala do presidente será esquadrihada com atenção máxima, calibrada pelo retrato de um Brasil que se vê desafiado a exercer na prática — e no próprio quintal — a liderança que aspira projetar além fronteiras.

Quem te viu...

É algo chocante, para um estrangeiro minimamente familiarizado com a imagem do Brasil, ver o Rio Amazonas e Solimões — nome com o qual adentra no país, até encontrar o Rio Negro, perto de Manaus, e retornar o nome original — com trechos inavergáveis. O rio-mar, do qual não se enxergava a margem oposta, reduzido a filetes de água rasa.

Quem foi à escola nos anos 1960 e 1970 aprendeu que o Amazonas era o segundo rio do mundo em extensão, mas o maior em volume de água.

Estudos e medições posteriores trouxeram para o Brasil também o primeiro troféu, antes pertencente ao Egito, com o Nilo. Olhando para a frente, é o segundo título que parece em perigo.

Samba-enredo

Ação climática, desenvolvimento sustentável, combate à fome e inclusão social são os eixos fundamentais da política externa definida por Lula e pelo assessor especial do Planalto, Celso Amorim. Compõem o enredo proposto para que o Brasil desfile como anfitrião na cúpula do G20, em novembro, no Rio.

Ao longo do ano, atividades de maior ou menor visibilidade e impacto contemplaram o temário em diferentes cidades brasileiras. Agora, em Nova York, o Brasil presidirá um encontro simultâneo com representantes do G20, ao qual estão convidadas todas as demais

delegações. Entre amanhã e quarta-feira, quando embarca de volta a Brasília, o presidente abordará os diferentes temas do enredo em uma bateria de reuniões bilaterais.

Guerra e paz

No fim da semana, já sem a presença de Lula na sede da ONU, será apresentada formalmente aos participantes da Assembleia-Geral a iniciativa conjunta Brasil-China para uma solução política do conflito armado entre Rússia e Ucrânia. O documento, firmado por Amorim durante visita a Pequim, no primeiro semestre, prevê a organização de uma conferência de paz com a participação de ambas as partes, sem condições prévias unilaterais e com base na realidade do campo de batalha.

O governo de Kiev, que no mesmo período promoveu um encontro com países que o apoiam contra o Kremlin, busca convocar um segundo, agora incluindo a Rússia entre os convidados. Nele, o ponto de partida para as discussões será o plano defendido pelo presidente Volodymyr Zelensky. Vladimir Putin

anunciou que não vai, assim como o colega (e aliado) chinês, Xi Jinping.

Rouba a cena

Os acontecimentos dos últimos dias sugerem que poderá se tornar incontornável abordar a ameaça de uma guerra engolfando todo o Oriente Médio. Enquanto prossegue nas operações militares contra os palestinos — não apenas em Gaza, mas também na Cisjordânia —, o governo de Israel dá sinais de que se dispõe a abrir uma segunda frente de guerra na fronteira norte, com o Líbano do movimento xiita Hezbollah.

No desdobramento do ataque dos extremistas do Hamas ao sul israelense, em outubro passado, a diplomacia brasileira entrou em linha de choque com o premiê Benjamin Netanyahu. O próprio Lula foi declarado persona non grata em Israel, e respondeu com a retirada do embaixador brasileiro em Tel Aviv.

Todas as três partes, mais Irã, EUA e demais envolvidos, terão olhos e ouvidos atentos para decifrar a mensagem do Brasil.